

Rio descumpre todas as metas ambientais para a Olimpíada - 01: 1 - Um mês para a Olimpíada

ÍTALO NOGUEIRA

DO RIO

Os compromissos olímpicos para o meio ambiente assumidos pelo Rio no dossiê de candidatura para os Jogos Olímpicos de 2016 foram todos descumpridos.

O tratamento do esgoto lançado baía de Guanabara não avançou nem metade do prometido. A lagoa de Jacarepaguá, que margeia o Parque Olímpico, continua fétida e assoreada.

Nem mesmo o plantio de mudas na Mata Atlântica, de simples execução, foi concluído como prometido. O sonho de abrir a Lagoa Rodrigo de Freitas para banhistas foi abandonado.

Dificuldades financeiras, de gestão e até novos critérios justificam o abandono dos compromissos feitos ao COI (Comitê Olímpico Internacional) no Dossiê de Candidatura da Rio-2016. O documento de 614 páginas usava o legado dos Jogos como um dos principais ativos para trazer o evento pela primeira vez para a América do Sul.

Agora, o Rio conta com a sorte para não ocorrer, por exemplo, uma mortandade de peixe na lagoa que margeia o Parque Olímpico.

Em setembro do ano passado, cerca de uma tonelada de peixes mortos foi retirada das águas da lagoa.

À época, a Secretaria do Ambiente atribuiu o fenômeno aos fortes ventos que atingiram a região, o que remexeu a matéria orgânica do fundo da lagoa, formada pelo esgoto lançado ao longo dos 40 anos de ocupação sem saneamento básico na zona oeste. Isso liberou gases tóxicos, reduzindo o oxigênio para peixes que ainda sobrevivem na região.

De lá para cá, pouco avançou. A drenagem da lagoa, orçada em R\$ 673 milhões, teve licitação suspensa por suspeita de cartel e foi paralisada após questionamentos do Ministério Público.

"A lagoa não é mais uma latrina. É um túmulo. Tem que rezar para que não chova, não vente, para que os gases não sejam eliminados do interior da lagoa e não gere uma mortandade de peixe na Olimpíada", disse o biólogo Mário Moscateli, que contribuiu com o plantio de mudas no mangue da região.

A retirada de cerca de 5 milhões de metros cúbicos de matéria orgânica do fundo da lagoa ajudaria a melhorar a qualidade da água. A solução definitiva, porém, depende do saneamento básico da região, que ainda lança esgoto sem tratamento na lagoa.

O sistema que vai atender à região da Vila dos Atletas ainda não está pronto. A Cedae promete concluí-lo até 15 de julho. Enquanto isso, os vizinhos do Parque Olímpico ainda despejam o esgoto produzido nas águas da lagoa de Jacarepaguá.

Sem saneamento básico em suas casas, mais de 100 mil pessoas de bairros próximos ainda lançarão o esgoto nas lagoas após os Jogos.

BAÍA DE GUANABARA

O tratamento do esgoto lançado na baía de Guanabara, local das competições de vela, é também um dos principais símbolos do fracasso do legado ambiental. A Olimpíada foi apontada no documento como uma forma de acelerar o projeto, debatido desde a década de 1990.

O objetivo de limpar 80% do esgoto produzido pelas 9 milhões de pessoas que vivem no entorno da baía não chegou nem perto da meta.

A capacidade das sete estações de tratamento instaladas subiu de 16% para 48% do esgoto total produzido, mas a ausência de tubulações que levem o material até elas faz com que operem abaixo do limite.

A Secretaria do Ambiente não estabelece mais prazo para atingi-la. A pasta diz que seriam necessários R\$ 12 bilhões para universalizar o saneamento nos 15 municípios do entorno -recurso inviável num Estado em crise.

Apesar dos problemas, a secretaria diz que as áreas de competição da vela têm condições adequadas para a prática esportiva.

A meta de plantar 24 milhões de mudas também não foi atingida. O Rio recebeu apenas 5,5 milhões de novas árvores. A Secretaria do Ambiente diz que buscou compensar a emissão de carbono dos Jogos de outras formas.

A Lagoa Rodrigo de Freitas melhorou a qualidade da água em relação a 2009. Contudo, a meta de atrair banhistas foi abandonada pela própria administração municipal. Agora, a avaliação é a de que o objetivo é inviável.

OUTRO LADO

A Secretaria Estadual do Ambiente, responsável pelas ações na baía de Guanabara e lagoa de Jacarepaguá, afirmou que o descumprimento na despoluição dessas áreas foi causada tanto por falta de planejamento como pela crise financeira.

Em relação à lagoa de Jacarepaguá, o Estado afirma que as exigências do Ministério Público Federal fizeram com que o detalhamento do projeto aumentasse o custo da macrodrenagem, orçado inicialmente em R\$ 673 milhões.

"A secretaria está fazendo um grande esforço orçamentário, mesmo diante da crise, dando andamento ao detalhamento do projeto executivo para a construção do molhe –estrutura costeira feita por pedras e blocos de concreto– na embocadura do Canal da Joatinga. A intervenção vai possibilitar que a troca se dirija mais para o alto mar, favorecendo a qualidade da água na região", afirmou a pasta.

A lagoa também está recebendo, segundo o governo, o plantio de 30 mil mudas de mangue para recuperação da faixa marginal da lagoa.

A pasta diz ainda que, em relação à baía de Guanabara, o foco é elaborar "um modelo de governança" para a bacia hidrográfica.

"Dessa forma, evitaremos que os erros do passado não se repitam e a baía não fique mais à mercê da gestão de um período de governo", afirmou. O objetivo é criar uma agência que reúna as prefeituras dos 15 municípios no entorno da baía, Estado, Marinha e outros atores que têm influência na poluição da região.

A secretaria diz também que o plantio de mudas foi substituído por outras técnicas para captura do carbono. A pasta diz ter feito o restauro de 3.275 hectares da Mata Atlântica, o que corresponde a 69% do total necessário para compensar as emissões de gases poluentes associadas às obras públicas estaduais.

A Secretaria Municipal de Meio Ambiente, responsável pela Lagoa Rodrigo de Freitas, disse que monitora a qualidade da água com o objetivo de "manter a vida aquática e permitir o contato secundário e os esportes que atendem este critério". Em 2009, a promessa era deixar a água apta para banhistas (contato primário).

Projetos de transporte serão feitos e até ampliados, mas com atraso

ÍTALO NOGUEIRA

DO RIO

O Rio corre contra o tempo para entregar obras no sistema de transportes público para a Olimpíada. Apesar do atraso, os compromissos de legado para a cidade serão cumpridos, tendo sido até ampliados.

Diferentemente da despoluição de lagoas e da baía de Guanabara, os três corredores de ônibus – chamados de BRTs– e a linha 4 do metrô eram essenciais para a operação dos Jogos.

Isso explica em parte o motivo pelo qual estão em execução. O COI (Comitê Olímpico Internacional) sempre cobrou mais de perto a conclusão destas obras.

À época da candidatura, o setor de transporte era o que mais preocupava, por ser essencial para o deslocamento dos torcedores pela cidade –o uso de carros não é recomendado na Olimpíada.

O BRT Transcarioca foi entregue antes da Copa do Mundo. Ainda em obras, o município afirma que entregará a Transolímpica, ainda que incompleta, para os Jogos. O trecho da Transoeste essencial aos Jogos também será entregue em julho, afirma o município.

O dossiê de candidatura previa a extensão do metrô de Ipanema até a Gávea, de onde sairia um BRT em direção ao Parque Olímpico.

O governo decidiu, ao invés disso, estender o metrô até o Jardim Oceânico, início da Barra da Tijuca, de onde partirá o corredor de ônibus até o Parque Olímpico.

A linha 4 do metrô começa a operar, segundo o governo, em 1º de agosto –a quatro dias da abertura dos Jogos e sem tempo para todos os testes inicialmente previstos.

O sistema forma o que à época da candidatura chamou-se de "anel de transporte de alta capacidade", a fim de mostrar ao COI uma solução para o trânsito caótico da cidade. A taxa de passageiros que usam sistema vai subir de 19% para 62%, segundo a prefeitura.